



XXI ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

50 anos de Ciência da Informação no Brasil:
diversidade, saberes e transformação social

Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB

GT1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: TENSÕES CONCEITUAIS E DINÂMICAS EPISTEMOLÓGICAS PARA O SÉCULO XXI

INFORMATION SCIENCE AND KNOWLEDGE ORGANIZATION: CONCEPTUAL TENSIONS AND EPISTEMOLOGICAL DYNAMICS FOR THE 21ST CENTURY

Marivalde Moacir Francelin, Universidade de São Paulo (USP)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Analisa as tensões conceituais e as dinâmicas epistemológicas que podem impactar teorias e paradigmas na Ciência da Informação e Organização do Conhecimento. Parte da problemática de que o campo da informação está passando por relevantes transformações conceituais e epistemológicas. As perguntas que surgem nesse contexto são: quais os impactos dessas transformações? Quais as suas principais categorias? Essas categorias têm relação com a teoria e com a prática nas áreas de Ciência da Informação e Organização do Conhecimento? A principal hipótese é a de que sociedade algorítmica e o dataísmo tendem a subverter qualquer ordem epistemológica porque os conceitos tendem a ser individualizados. A pesquisa, de base conceitual e analítico-argumentativa, explora a literatura sobre o conhecimento da pós-modernidade até o contexto atual. Os temas prioritários são as lógicas da informação e do conhecimento no cenário do século XXI. Conclui que o principal desafio está em compreender o conceito de tempo histórico na atualidade. Como contribuição, as epistemologias e os paradigmas da pós-modernidade colocam em perspectiva os novos estudos de informação e conhecimento.

Palavras-Chave: Ciência da Informação; Organização do Conhecimento; Epistemologia.

Abstract: Analyzes the conceptual tensions and epistemological dynamics that can impact theories and paradigms in Information Science and Knowledge Organization. It starts from the problem that the field of information is undergoing relevant conceptual and epistemological transformations. The questions that arise in this context are: what are the impacts of these transformations? What are your main categories? Are these categories related to theory and practice in the areas of Information Science and Knowledge Organization? The main hypothesis is that algorithmic society and dataism tend to subvert any epistemological order because concepts tend to be individualized. The research, conceptual and analytical-argumentative, explores the literature on knowledge from postmodernity to the current context. The priority themes are the logic of information and knowledge in the 21st century scenario. It concludes that the main challenge is to understand the concept of historical time today. As a contribution, the epistemologies and paradigms of postmodernity put new studies of information and knowledge into perspective.

Keywords: Information Science; Knowledge Organization; Epistemology.

1 INTRODUÇÃO

Epistemologicamente, os domínios do conhecimento podem ser domínios conceituais. Se as formas de construção do conhecimento forem reconhecidas no campo da informação, então os domínios conceituais serão compreendidos de maneira mais ampla e complexa. Compreender a completude e o rigor dos conceitos é fato sedimentado na literatura canônica da área, mas apresentar uma revisão de paradigmas é uma tarefa que exige esforço de toda a comunidade científica da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

Podem ser consideradas como literaturas canônicas aquelas que se definem como portadoras de princípios ou critérios para o raciocínio ou para um domínio de conhecimento. Todas as normas técnicas e todos os métodos de operacionalização de conceitos, têm em comum o objetivo de “domesticação” dos conceitos. Os conceitos não são objetos precisos e, muito menos, apenas naturais. São complexos e multifacetados e, talvez, seja incorreto pensá-los a partir da exclusão de suas facetas ambíguas e metafóricas, por exemplo. Será que ainda seriam aqueles conceitos produzidos originalmente? Se não forem, o que são então? Para García Gutiérrez é um erro pensar em “um conceito único”. Segundo o autor,

O maior e mais ingênuo erro da história das linguagens formais a serviço da exomemória, decorrente da aplicação de uma obrigada redução positivista, tem sido pensar que a ditadura de um conceito único, normalmente empirista e verificacionista, poderia realmente proporcionar satisfação a usuários passivos e agradecidos. Desta forma, modelos e teorias científicas dominantes têm prevalecido na organização de suas respectivas memórias disciplinares, e mesmo na gestão de discursos documentados de índole ‘acientífica’ que tiveram de se adaptar e empobrecer dentro do marco imposto por teorias e discursos alheios. Esta realidade evidencia a necessidade de um operador de rede que assegure a participação. (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2008, p. 37).

Na perspectiva de novos estudos de informação e conhecimento, procura-se verificar a situação dos paradigmas nas teorias conceituais. Como área inter, multi e transdisciplinar, que relaciona aspectos sócio-culturais e eco-ambientais, a Ciência da Informação e, especificamente, a Organização do Conhecimento, é definida pela preocupação com as formas de conhecer. Nessa perspectiva, San Segundo Manuel (2003) diz que existe um conceito tradicional de conhecimento, mas, também há um novo conceito de conhecimento e um certo tipo de conhecimento artificial.

Quase toda perspectiva de itinerário de investigação está baseada no entendimento dos paradigmas que definem teorias e modelos científicos. Em bases epistemológicas são

formadas noções críticas para a condução de metodologias consistentes e coerentes com seus objetos e, principalmente, com a realidade sócio-cultural e eco-natural. Fora do contexto epistemológico, a metodologia perde contato com o conhecimento e corre o risco de se transformar em mera etapa, um procedimento mecânico e sem sentido. Visando avanços no pensamento epistemológico e no campo pragmático dos saberes destaca-se, dentro do recorte pretendido, análises que (r)estabelecem sentidos e significados de informação e conhecimento para o século XXI.

2 CONHECIMENTO E TENSÕES CONCEITUAIS

O conhecimento pode ser considerado como um produto cultural representado na informação. Esta, por sua vez, é apresentada em diferentes suportes visando a facilidade de tratamento, armazenamento, circulação e apropriação. A circulação da informação, geralmente, é socialmente definida, ou seja, está contextualizada em uma comunidade de conhecimento legitimada em contratos linguísticos ou em políticas de linguagem que seguem regras específicas.

A leitura realizada dessas especificidades contribui para classificar e gerenciar os registros do conhecimento sem perder de vista as múltiplas facetas das comunidades usuárias. Até o momento, não existe a possibilidade de pensar a organização e o gerenciamento de sistemas de informação e conhecimento sem a visualização de um sujeito epistêmico ou de significação, mais bem compreendido como usuário de informação. Como real ou potencial, o usuário é o indivíduo de uma coletividade que pode ser compreendida como social ou natural. Do ponto de vista natural, a capacidade informacional é biológica e, do ponto de vista social, os recursos informacionais são adquiridos socialmente. Uma terceira via é a cognitiva, que recupera a noção de mente e corpo como pressupostos de intencionalidade.

Em qualquer situação, apenas parece ser possível entender os processos de apropriação, gestão e organização da informação por vias interdisciplinares. Além da necessidade da busca de um trabalho conjunto com outras disciplinas, também se mostrou urgente a análise crítica dessas relações disciplinares por causa do desenvolvimento técnico-científico. Com as novas tecnologias há um acréscimo substancial na quantidade de informação e nas formas de tratamento, gestão, acesso e uso da informação.

Não há dúvida que as redes e os sistemas de informação somente chegaram à sofisticação atual por causa dos avanços técnico-científicos. Porém, algo pouco assimilado por

estes estudos é que o indivíduo, e não apenas a máquina, evoluiu como ser da técnica. Na verdade, essa é uma rica discussão do campo da teoria e da filosofia das tecnologias, mas quase inexistente nas linhas de especialidade da cultura e informação.

Geralmente, as teorias e filosofias da ciência deslocam-se dessas mudanças em benefício da visão sistemática da história do progresso do conhecimento e da visão analítica dos produtos da razão. As influências das teorias e filosofias da ciência nessas modulações estão presentes em boa parte da pesquisa básica ou fundamental da Biblioteconomia, da Ciência da Informação e da Organização do Conhecimento. Como já mencionado, isso não é um problema quando contextualizado em um período de normalidade do conhecimento. Por outro lado, são poucos os períodos de normalidade do conhecimento se ele for observado de um ponto de vista social e cultural. No ambiente científico, os conceitos e as teorias têm a função de permanência, mas o mesmo não ocorre com os conceitos e as teorias advindas de outros contextos não-científicos.

A mudança, não se pode esquecer, é uma das primeiras características propostas para explicar o que fazer parte da essência das coisas no mundo. Heráclito, em oposição a Demócrito, afirmava que a mudança era a essência das coisas, ou seja, a única certeza que se tinha sobre o que existia era a mudança. Da teoria do caos às teorias de sistemas naturais e sociais, como se pode observar em Prigogine (1996), a noção de mudança esteve permanentemente presente na literatura científica. Na filosofia, existe certa relutância por causa da herança dos modernos (ROUANET, 2000; HABERMAS, 1990), mas a noção de fragmento e não permanência da memória (a-história) de Nietzsche, por exemplo, parece apresentar uma série de fundamentos para os avanços evidenciados na pós-modernidade. Na década de 1970, por exemplo, Toffler (1973, p. 123) chamava a atenção para, além da necessidade de um novo conhecimento a partir das mudanças ocorridas nas organizações formais e informais, o fato é que as “regras do jogo” também são transformadas.

No início do artigo “A pesquisa: recepção da informação e produção do conhecimento”, Maria de Fátima G. M. Tálamo, lembra que muitos teóricos pensaram que a sociedade do conhecimento se concretizaria numa produção e geração contínua do conhecimento. Nas palavras da autora,

A sociedade do conhecimento somente será concretizada com a efetiva adoção coletiva do processo contínuo de geração do conhecimento. Esta parece ser a afirmação consensual dos teóricos que transitam entre reflexões eufóricas e disfóricas sobre a sociedade contemporânea. No

entanto, suspeita-se que na ausência de uma discussão acurada sobre a capacidade receptiva do sujeito, esta sociedade imaginada não será mais do que invenção retórica. (TÁLAMO, 2004, p. 1).

Chegando ao fim de mais uma década do século XXI parece que essa capacidade receptiva do sujeito foi subestimada e a concretização de uma sociedade do conhecimento imaginada foi, como enfatiza a autora, mais uma invenção “retórica” do que algo concreto. Ainda não foi realizada nenhuma discussão aprofundada sobre a capacidade de recepção dos sujeitos de informação. Nota-se que essa é uma daquelas discussões que não serão colocadas como prioritárias porque a ideia por trás de uma nova sociedade de informação é estabelecer uma cultura ou um *habitus*.

Nesse novo contexto, a tecnologia impera como cultura e o seu uso determinado é orientado por um *habitus*. Este, por sua vez, promove sobre o vivido a necessidade de primeiro consumir reproduções e, depois, reproduzir fragmentos. A internet hoje é um campo de transformação cultural e de definição de hábitos, mas não parece estar entre seus objetivos imediatos a produção de conhecimento.

Se, nesse novo contexto social, cultural e tecnológico a produção de conhecimento não é uma prioridade, nem um objetivo talvez, então a sociedade poderia estar perdendo sua capacidade de conhecer. Na verdade, não há perda na capacidade de conhecer, ela é a mesma. O que existe, como já alertava San Segundo Manuel (2003), são novas formas de conhecimento. Portanto, o conhecimento é uma prioridade, mas não é o mesmo tipo de conhecimento com o qual se estava acostumado, há uma ressignificação relevante sobre a ideia de conhecimento nas últimas décadas.

Por outro lado, essa ressignificação parece ter ficado à margem da maioria das áreas de conhecimento, especialmente da Biblioteconomia, da Ciência da Informação e da Organização do Conhecimento. A Biblioteconomia e a Ciência da Informação não podem ser distanciadas quando o assunto é a Organização do Conhecimento. Hjørland (2017) destaca a importância dos estudos de domínios do conhecimento e que este seria um novo ambiente de pesquisa para a Ciência da Informação. O autor ressalta diversas outras pesquisas anteriores que também levam a essa conclusão. Outro aspecto frequente na literatura estrangeira é a presença da ontologia e da epistemologia nas análises que tratam de domínios do conhecimento. A Organização do Conhecimento é uma área de conhecimento inter, multi e transdisciplinar. Demonstrações desse caráter que visa a transposição de fronteiras podem ser

vistos nas pesquisas e eventos da área. Os paradigmas atuantes na observação do conhecimento são múltiplos, complexos e nem sempre propensos à descrição precisa e rigorosa. Desde o ponto de vista social até a operacionalidade da lógica e a multidimensionalidade das teorias, como as Hjørland (2009, 2017) e dentre tantos outros, a organização do conhecimento confunde-se com a filosofia e com a ciência por causa de suas raízes na Biblioteconomia e sua atual relação com a Ciência da Informação.

Essa confusão, ao contrário do que se pode imaginar, não representa algo negativo. Trata-se de uma característica muito próxima do que se pode chamar de um caos necessário. Tanto a filosofia quanto a ciência buscam dizer o que é o conhecimento, porém, é necessário reencontrar problemas relevantes para se fazer boas perguntas. Geralmente, boas perguntas são aquelas já realizadas, que surgem de tempos em tempos, em novos contextos e com outros desafios. Como as respostas de antes se esgotam com as mudanças sócio-culturais e eco-naturais, as perguntas precisam ser refeitas e novas hipóteses sugeridas para verificação.

Considerando os avanços científicos e tecnológicos do século XX e as dúvidas sobre o futuro da memória e da cultura humana evidenciadas no início do século XXI, não parece possível aceitar a ideia de que o conhecimento ainda é produzido e organizado sobre as mesmas bases paradigmáticas de tempos remotos. A sociedade da informação e a sociedade em rede, analisadas por Mattelart (2002) e Castells (2007), são exemplos dessa mudança. O que fica evidente nesse contexto, é que as tecnologias de informação não apenas moldam as pessoas, mas também são moldadas por elas. O impacto das novas configurações de seres, mundo e objetos reflete, sem dúvida, em quase todos os outros aspectos da vida social.

A Organização do Conhecimento ganhou destaque por causa da ampliação de suas bases referenciais e isto implica uma constante revisão epistemológica. Observando a abrangência geográfica e a distribuição temática dos eventos da ISKO (International Society for Knowledge Organization - <http://www.isko.org/>) parece evidente a influência, não apenas interdisciplinar, mas também cultural, filosófica e científica na construção de conhecimento no campo. A diversidade e a complexidade, conforme é possível observar em Guimarães e Dodebei (2012) e Dodebei e Guimarães (2013) no campo da Organização do Conhecimento, são temas recorrentes nas pesquisas da área, o que vem garantindo espaços cada vez mais dinâmicos para os estudos epistemológicos.

Nesse contexto, procura-se analisar as principais premissas que sustentam os paradigmas referenciais do conhecimento, evidenciando a importância da aproximação e do

desenvolvimento de epistemologias dinâmicas e complexas voltadas tanto para os sentidos quanto para os significados da informação. Como mostrou Masterman (1979) existem muitas maneiras de se entender o conceito de paradigma popularizado por Kuhn (2001), mas duas delas têm mais destaque: a) conjunto de crenças adotado por um grupo ou comunidade de pesquisa; b) e, como soluções de “quebra-cabeças” que constituem a ciência normal.

Existe, atualmente, um amplo debate sobre os limites da informação na formação da razão humana. Além das análises de Castells (2007), a informação ganhou espaço considerável no debate sobre a razão humana no século XXI. Nesse contexto, encontram-se abordagens do campo físico ao biológico como as de Seife (2010), Logan (2012) e Gleick (2013) e, mais especificamente, na esfera antropológica e semântica do ciberespaço de Lévy (2007, 2014) e na infoesfera de Floridi (2010, 2014).

Essa problemática será usada como contexto porque representa a principal característica da mudança paradigmática em curso. Nem sempre mudança significa atualização ou avanço. O ingresso no século XXI foi identificado como um processo de profundas mudanças na sociedade, mas nem todas puderam ser consideradas vantajosas para a humanidade. Exemplos são os avanços tecnológicos que mudaram as relações pessoais, educacionais e de trabalho.

Para a pergunta “o que é conhecimento?”, a resposta provável é que a tendência mostra a substituição de conhecimento por informação. Esta provável substituição não implica a extinção do termo conhecimento, mas uma forma de esquecimento que precisa ser entendida e analisada com vistas a novos conceitos. Se hoje se fala muito mais em informação do que em conhecimento é porque, de fato, há uma sociedade que se caracteriza como uma sociedade sustentada por informação. A procura por informação não diz qual informação está em foco e se a intenção é uma reflexão sobre ela. O que se procura é a informação da informação, quase da mesma maneira que já se procurou pelo conhecimento do conhecimento (MORIN, 1999). Nunca, como hoje, essa noção foi tão presente e subjetiva. Não significa que o conhecimento perde sua importância, mas que ela parece estar sendo transferida para a informação.

3 DINÂMICAS EPISTEMOLÓGICAS OU EPISTEMOLOGIAS DAS DINÂMICAS?

Nos planos da memória, o esquecimento é um caminho racional para o conhecimento, porém, numa investida sobre a informação, onde se daria esses momentos de perda. Como os

caminhos a serem percorridos na busca de respostas às perguntas enunciadas expõem certa complexidade teórica, a exploração metodológica e as técnicas analíticas diminuem o risco conceitual e apontam para uma síntese possível. Seleção por características filosóficas e científicas é um recurso bibliográfico para seleção e revisão da literatura pertinente. O risco controlado do método acompanha as bases especulativas e reflexivas da filosofia, a imaginação disciplinada e o artesanato intelectual da sociologia e o princípio geral da metodologia, que questiona para saber e aprende na busca de um caminho. Toda pesquisa deve apresentar um método que, além de mostrar um caminho, um percurso, também esteja atento aos riscos e possíveis desvios que se fazem necessários a qualquer investigação. Por isso, a metodologia, como uma espécie de artesanato intelectual (MILLS, 1982), precisa de questionamentos para que se possa aprender, saber e pensar (DEMO, 2010).

O núcleo temático é formado por um conjunto de assuntos reunidos na perspectiva epistemológica, ou seja, todo corpo conceitual e metodológico da pesquisa está fundamentado na construção do conhecimento. As mudanças ocorridas nas últimas décadas colocam em dúvida a existência da própria epistemologia e essa é uma das motivações para se perguntar pelo fim do conhecimento. Preferir não falar de um ponto de vista epistemológico, como sugere Barreto (2007, p. 14) para justificar sua abordagem histórica, não coloca em discussão a existência da epistemologia, porém, realçar um compromisso formal da linguagem, como única esfera possível e confiável de produção e construção de conhecimento válido, foi uma das principais características do positivismo lógico na luta contra uma “filosofia da psicologia”. Neste caso, o que se colocava no âmbito epistemológico era somente a teoria do conhecimento. Wittgenstein (2001, p. 177, § 4.1121) notabilizou esse ponto, recuperado por Faustino (2006) numa análise sobre o “fim da epistemologia”. Essa discussão não ficou restrita à filosofia da linguagem. Ainda na década de 1920, Durant (1991) alertava seus leitores de que a epistemologia executava uma tarefa da “ciência da psicologia”. Na verdade, toda essa discussão teve como ponto central a teoria do conhecimento fundamentada na modernidade (TAYLOR, 2000). Trazendo Heidegger para a discussão, Capurro (2003, p. 9) também já havia mencionado algo a respeito desse debate:

Costuma-se indicar comumente que, para além das diferenças, existem caminhos de pensamento paralelos entre a crítica de Wittgenstein aos conceitos internalistas que culmina em sua crítica à ‘linguagem privada’, e a crítica de Heidegger à epistemologia que parte da separação entre um sujeito cognoscente encapsulado e um mundo exterior que ele tenta contatar. É mais, a hermenêutica do existir humano, como mostra

Heidegger em 'Ser e tempo' (Heidegger 1973), parte da premissa de que não necessitamos buscar uma ponte entre o sujeito e o objeto localizado em um 'mundo exterior' visto que existir significa estar já sempre 'fora' e socialmente envolvido em uma rede de relações e significados que Heidegger chama de 'mundo'. Sua famosa fórmula 'ser-no-mundo' torna explícita justamente essa situação fática do 'estar ali' ('Dasein') do existir humano. Mas é mais, tal envolvimento é para Heidegger originariamente também um 'estar ali' em uma relação social primordialmente prática ('Sorge') com os outros ('Mitsein') e com as coisas. Daí que a epistemologia heideggeriana, assim como a do Wittgenstein tardio, com seus conceitos de 'jogos de linguagem' como 'formas de vida' (Wittgenstein 1958), sejam, por assim dizer, *antiepistemologias*, ou *pragmatologias*, no sentido de que fundam o conhecimento teórico num pré-conhecimento prático tácito. Essas correntes epistemológicas influem em nossa disciplina.

Existe a possibilidade de se ter chegado ao esgotamento epistemológico e, por extensão, à renúncia do conhecimento em benefício da informação. Fatos e dados a esse respeito abundam na literatura contemporânea, não apenas da Biblioteconomia, da Ciência da Informação e da Organização do Conhecimento, mas de quase todas as áreas do conhecimento. Existe vasta literatura a respeito da informação na Ciência da Informação. Além dos trabalhos já mencionados, diversas abordagens podem ser localizadas nos campos conceitual, histórico e filosófico como as de Fallis (2004), Day (2005), Black (2006), Capurro (2008), Capurro e Hjørland (2007), Furner (2010), Ibekwe-Sanjuan e Dousa (2014). O problema central é que a ascensão da informação ao plano do conhecimento não deveria extinguir a busca por sua maneira de construção. Se hoje o sujeito do conhecimento passou a ser sujeito da informação, pode ser que não se esteja falando do mesmo sujeito e nem da mesma informação de outrora.

Os impactos dessas transformações são visíveis nas sociedades atuais, mas não parecem representados nas literaturas especializadas. Trata-se de uma referência direta à condição humana no mundo, enquanto ser da técnica e objeto técnico ou como um pós-humano (ROTHBLATT, 2016; VANDENBERGHE, 2010). Cabe a hipótese de que, diferentemente de outros tempos, os fatos estão se sucedendo de forma mais rápida do que as teorias. Isto implica o atraso da imaginação em relação ao acontecido. Procura-se, então verificar se as características paradigmáticas, até então conhecidas e aceitas, ainda sustentam a construção de teorias e modelos no campo da informação e conhecimento ou se há uma tendência paradigmática sobre novos estudos de informação e conhecimento.

Se as teorias já não conseguem antecipar os fatos e analisar os acontecimentos em sua totalidade, então os documentos registram um conhecimento parcial e, talvez, impreciso dos próprios cânones dos saberes. O conhecimento não pode ser considerado somente como algo preciso. A realidade do desenvolvimento do conhecimento é muito mais complexa do que o que se apresenta pela inteligibilidade determinista.

Como ponto de ordenamento e estética econômica da informação, as classificações, especialmente as bibliográficas, reúnem registros do conhecimento de épocas em que o esquecimento permitia a permanência da memória. Quanto mais tempo a memória permanecer inabalada maiores serão a sua carga paradigmática e a sua força no contexto como uma doutrina ou dogma. Assim, a capacidade de permanência não está apenas vinculada à riqueza de uma teoria ou modelo, mas ao conceito de tempo de esquecimento definido para cada época.

Na época atual, o conceito de tempo perde suas bases seculares por causa da ascensão das sociedades pós-moderna, pós-industrial e da informação. Duas obras que bem retratam a pós-modernidade são “O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna”, de Gianni Vattimo, e “A condição pós-moderna”, de Jean-François Lyotard. É na perspectiva de Lyotard (2000) e Vattimo (2002) que a pós-modernidade é contemplada. As perspectivas filosóficas, científicas e sociais estão bem definidas nas três sociedades e não podem ser vistas isoladamente. O local e o global perdem sua forma concreta de limites e as fronteiras do conhecimento, até então tidas em nível elevado de permanência na memória, diluem-se em novas comunidades e espaços de significação.

O hibridismo cultural (GARCÍA CANCLINI, 2003) dissemina-se como exercício de circulação de informação e de ultrapassagem de fronteiras do conhecimento. Uma nova natureza espacial foi construída em torno de espaços e lugares de sentidos e significados, como se uma nova geografia redefinisse a noção de território. A desterritorialização pode ser mais linguística e semântica do que propriamente física, porém, atribuir o descompasso da razão dogmática e dominante somente a uma característica da linguagem parece uma ação epistemológica reducionista que deve ser analisada de forma crítica, principalmente quando se considera outras formas de cultura e conhecimento. Reações ao reducionismo epistemológico caracterizam o pensamento pós-moderno e evoluem no campo da complexidade para a visão da relação homem-natureza. Conforme Santos (2000), o pensamento científico pós-moderno reabilita as rupturas científicas em torno do senso

comum esclarecido. E, para Morin (1998, 2002) todas as relações, no que chama de *physis*, parecem ser relações de informação.

Nesse caso, a desclassificação dos saberes seria tomada numa estrutura de seres e entes, onde a noção de técnica definiria a própria natureza do ser no plano destinal. Para Heidegger (2007), o sistema de informação (*System von Informationen*) reúne entes e coisas, mas não está na origem dos seres. Para os seres há o “destino”, a “armação”. A questão colocada por Heidegger será “ampliada” por Morin (2002) no desenvolvimento da teoria da complexidade de uma forma “antropológica”. No plano metafísico, a desclassificação não seria tomada apenas como uma crítica aos conhecimentos de domínio no campo das memórias registradas, mas como uma nova perspectiva de ver o homem no mundo. Na realidade a concepção de mundo estaria em plena transformação, de um mundo baseado em linguagem para um mundo baseado na informação.

Não se perguntaria mais por uma informação no mundo, mas por um mundo na informação. O realismo informacional proposto por Floridi (2004, 2008a, 2008b) é um bom exemplo dessa mudança de foco. A desclassificação dos saberes, portanto, não delinea apenas uma nova ordem de organização dos saberes, nem apenas define um conjunto de novos saberes legitimados, mas reconstrói próprio mundo onde tudo isso acontece. Por este motivo, qualquer pesquisa que deseja se antecipar ou entender melhor os fatos, deve buscar apoio nas epistemologias pós-modernas e nas novas filosofias dos seres, dos saberes e das redes.

As formas de entendimento de mundo na modernidade, por seu caráter positivista, determinista e unidimensional, não se ajustam aos fatos e fenômenos contemporâneos. Mesmo se conseguissem se ajustar aos temas gerais, não conseguiriam acompanhar a forma de uso do tempo. Justificados em fragmentos e múltiplas ações imediatistas, os seres no mundo de hoje são mais seus objetos técnicos do que humanos. Trata-se de uma discussão pouco presente na Ciência da Informação e quase inexistente na Organização do Conhecimento. Numa área que precisa do usuário para falar de informação, seria importante tentar entendê-lo como um *ser* da informação presente em um contexto prévio, bem mais amplo e original, ao do ambiente artificial criado pelo homem.

Quando se propõe a legitimação de saberes subalternos, abissais e marginais, há, em certa medida, o compromisso com o *ser* no mundo antes de suas múltiplas interpretações sócio-culturais e eco-naturais. Os conceitos naturais ou animais representam as primeiras

noções de sentidos, que podem ser gerados ou estarem em dispositivos prévios de informação. Essa capacidade instintiva é inerente aos seres e, hipoteticamente, sustentariam um sistema conceitual baseado nos sentidos. Sentidos e significados emolduram um amplo leque de assuntos sobre conceitos, envolvendo uma série de aspectos cognitivos, psicológicos, filosóficos, históricos, sociológicos, linguísticos e científicos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como áreas interdisciplinares, a Ciência da Informação e a Organização do Conhecimento, procuram trazer diferentes olhares para os conceitos enquanto temas de áreas especializadas do tratamento e recuperação da informação, mas pouco como temas humanos e suas extensões sócio-naturais. As lógicas das ideias não se contrapõem à lógica da razão, nem as filosofias das memórias contrariam os mecanismos de reprodução, mas buscam retroceder para avançar. Não é possível entender um período informacional como o atual sem uma visão perspectiva. Os novos estudos de informação e conhecimento não são aqueles que vislumbram futuros possíveis, mas o que olham o presente como um futuro que aconteceu e ainda não foi projetado em passado recente. Nesse caso, ao contrário do que se imagina não se vive um presente informacional, mas um *futuro*. Por este motivo também não se trata de uma visão histórica, porque esse tempo está conceitualmente modificado e precisa ser entendido por meio de uma visão a-histórica, *extemporânea*. Do ponto de vista dos documentos, os recortes históricos ganharam ênfase e parecem evidenciar que as metodologias de análises do campo documentário ainda objetivam o pensamento normativo, vinculado à precisão conceitual especializada. Por outro lado, com a presença da epistemologia histórica, a noção de que o documento incorpora a ideia de registro como fato, em tempo e espaço definidos, parece tomar corpo nos estudos da área. Mesmo assim, no caso da visão do sujeito como a-histórico existe um deslocamento, uma recusa à definição. Essa visão é chamada de extemporânea em referência à obra *Considerações Extemporâneas* (1873-1874), de Nietzsche (1999). Se existe um conhecimento marginal, às margens do formalmente estabelecido, ele não se faz na condição linear do tempo histórico, é um conhecimento do *real* do tempo. Nessa condição “estrangeira” pode ser encontrado o conceito de tempo necessário para entender as dinâmicas da informação contemporânea.

Os sistemas de informação e de organização do conhecimento buscam atualizar suas teorias e métodos com o objetivo de acompanharem as rápidas mudanças nos fluxos

informacionais. Hoje, a sociedade pode ser definida nas redes desses fluxos e quase toda organização e construção do conhecimento depende do conceito de tempo e do que se entende por realidade. Na hipótese de que é nesse novo contexto que o conhecimento seria produzido e legitimado, também é esse novo conhecimento que será organizado.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Uma história da Ciência da Informação. *In*: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão. **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador, Bahia: EDUFBA, 2007. p. 13-34.

BLACK, Alistair. Information history. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 40, n. 1, p. 441-473, 2006.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. *In*: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB, 5. **Anais...** Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 17 abr. 2017.

CAPURRO, Rafael. Pasado, presente y futuro de la noción de información. **Anais...** I Encontro Internacional de Expertos en Teorías de la Información: un enfoque interdisciplinar. León, Spanien, 2008. Disponível em: <http://www.capurro.de/leon.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2013.

CAPURRO, Rafael; HJØRLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/54/47>. Acesso em: 17 ago. 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Tradução de Roneide Venacio Majer. Colaboração de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2007. v. 1.

DAY, Ronald E. Poststructuralism and information studies. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 39, n. 1, p. 575-609, 2005.

DEMO, Pedro. **Saber pensar é questionar**. Brasília: Liber Livro, 2010.

DODEBEI, Vera; GUIMARÃES, José Augusto Chaves (org.). **Complexidade e organização do conhecimento, desafios do nosso século**. Rio de Janeiro: ISKO-Brasil, Marília: FUNDEPE, 2013. Estudos avançados em Organização e Representação do Conhecimento, v. 2. Disponível em: <http://isko-brasil.org.br/wp-content/uploads/2013/02/Estudos-avan%C3%A7ados-2.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2017.

DURANT, Will. Introdução: sobre os usos da filosofia. *In*: DURANT, Will. **A história da filosofia**. Tradução de Luiz Carlos do Nascimento Silva. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1991. p. 25-28.

FALLIS, Don. On verifying the accuracy of information: philosophical perspectives. **Library Trends**, v. 52, n. 3, p. 463-487, Winter, 2004.

FAUSTINO, Sílvia. **A experiência indizível**: uma introdução ao *Tractatus* de Wittgenstein. São Paulo: UNESP, 2006.

FLORIDI, Luciano. **Information**: a very short introduction. New York: Oxford Press, 2010.

FLORIDI, Luciano. A defence of informational structural realism. **Synthese**, v. 161, n. 2, p. 219-253, 2008a.

FLORIDI, Luciano. Informational realism. In: **Conferences in Research and Practice in Information Technology**, v. 37, p. 7-12, 2004.

FLORIDI, Luciano. The method of levels of abstraction. **Minds and machines**, v. 18, n. 3, p. 303-329, 2008b.

FLORIDI, Luciano. **The 4th revolution**: how the infosphere is reshaping human reality. New York: Oxford Press, 2014.

FURNER, Jonathan. Philosophy and information studies. **Annual review of information science and technology**, v. 44, n. 1, p. 159-200, 2010.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

GÁRCIA GUTIÉRREZ, Antonio. **Outra memória é possível**: estratégias descolonizadoras do arquivo mundial. Tradução de Ricardo Aníbal Rosenbusch. Prefácio à edição brasileira de Muniz Sodré. Prefácio de Gonzalo Abril. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GLEICK, James. **A informação**: uma história, uma teoria, uma enxurrada. Tradução de Augusto Calil. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves; DODEBEI, Vera (org.). **Desafios e perspectivas científicas para a organização e representação do conhecimento na atualidade**. Marília: ISKO-Brasil, FUNDEPE, 2012. Estudos avançados em Organização e Representação do Conhecimento, v. 1. Disponível em: http://isko-brasil.org.br/wp-content/uploads/2013/02/Livro-finalizado_correcoes-feitas_pronto-para-publicar-07_02_2013.pdf. Acesso em: 23 abr. 2017.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. Tradução de Marco Aurélio Werle. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375- 398, 2007.

HJØRLAND, Birger. Domain analysis. Encyclopedia of Knowledge Organization. 2017. Disponível em: http://www.isko.org/cyclo/domain_analysis. Acesso em: 01 maio 2017.

HJØRLAND, Birger. Concept theory. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 60, n. 8, p. 1519-1536, 2009.

IBEKWE-SANJUAN, Fidelia; DOUSA, Thomas (ed.). **Theories of information, communication and knowledge: a multidisciplinary approach**. London: Springer, 2014. (Studies in History and Philosophy of Science, v.34).

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução: Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. Revisão de Alice Kyoto Miyashiro. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LÉVY, Pierre. **A esfera semântica: computação, cognição, economia da informação**. Tradução de Daniel P. P. Costa. São Paulo: Annablume, 2014. tomo I.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

LOGAN, Robert K. **O que é informação?** A propagação da organização na biosfera, na simbolosfera, na tecnosfera e na econosfera. Tradução de Adriana Braga. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Prefácio de Wilmar do Valle Barbosa. Posfácio de Silviano Santiago. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

MASTERMAN, Margaret. A natureza de um paradigma. *In*: LAKATOS, Imre; MUSGRAVE, Alan. (org.). **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. Revisão técnica de Pablo Mariconda. São Paulo: Cultrix, 1979. p. 72-108.

MATTELART, Armand. **História da sociedade da informação**. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2002.

MILLS, C. Wright. Do artesanato intelectual. *In*: MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Tradução de Waltersén Dutra. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 211-243.

MORIN, Edgar. **O método 1: a natureza da natureza**. Tradução de Ilana Heineberg. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORIN, Edgar. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. Tradução de Juremir Machado da Silva. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1999.

MORIN, Edgar. **O método 4: as ideias. Habitat, vida, costumes, organização**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Considerações extemporâneas. *In*: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras incompletas**. Seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 267-298.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**: tempo, caos e as leis da natureza. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP, 1996.

ROTHBLATT, Martine. **Virtualmente humanos**: as promessas e os perigos da imortalidade digital. Tradução de Jeferson Luiz Camargo. Prefácio de Ray Kurzweil. São Paulo: Cultrix, 2016.

ROUANET, Sérgio Paulo. **As razões do Iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SAN SEGUNDO MANUEL, Rosa. Nueva concepción del conocimiento. *In*: RODRIGUES, Georgete Medleg; LOPES, Ilza Leite (org.). **Organização e representação do conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2003. (Estudos Avançados em Ciência da Informação, v.2).

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

TÁLAMO, Maria de Fátima G. M. A pesquisa: recepção da informação e produção do conhecimento. **DataGramZero**, v. 5, n. 2, abr. 2004.

TAYLOR, Charles. Superar a epistemologia. *In*: TAYLOR, Charles. **Argumentos filosóficos**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Edições Loyola, 2000. p. 13-32.

TOFFLER, Alvin. **Choque do futuro**. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Artenova, 1973.

VANDENBEGHE, Frédéric. Jamais fomos humanos. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 214- 234, set. 2010.

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade**: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus logico-philosophicus**. Tradução, apresenta e ensaio introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos. Introdução de Bertrand Russel. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.